

**Resistência e permanência no campo: o caso da associação de mulheres de luta do Xavier – AMALX**

Andréa Andrade Oliveira Prado  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: deaandrade21@gmail.com

Leandro Santos Prado  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: leandroconquista.1508@gmail.com

389

**Palavras-chave:** Coletividade. Empoderamento feminino. Identidade. Mulheres agricultoras, Resistência

## INTRODUÇÃO

O processo histórico de êxodo rural – provocado sobretudo pela concentração fundiária e pelas leis que a legitimam desde a invasão portuguesa – ainda se constitui num problema social, econômico e político no Brasil, onde camponeses são obrigados a deixar suas vidas nas localidades rurais para viverem sob condições precárias em áreas urbanas. Entretanto nota-se a existência de espaços de luta e resistência em que o campo se mantém como lugar de identidade, coletividade, sobrevivência e preservação ambiental.

As associações do campo são exemplos desses espaços que, conforme Moreira; Santos; Lucena (2021, p.4), surgiram “a partir do processo de mobilização e de negociação dos movimentos sociais da década de 1980”. Muitas dessas associações têm no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Movimento de Pequenos Agricultores (MPA) e em outros movimentos sua base ideológica e material.

Foi o MPA que possibilitou à agricultora Maria José Freitas transformar o seu modo de vida no campo em bandeira de luta coletiva: “O movimento foi uma porta para resgatar a cultura, os valores, a autoestima, o orgulho de você entender quem você é” (Maria, 2024). Maria Freitas apropriou-se de conhecimentos que mais tarde seriam fundamentais para a associação que ajudou a fundar – e onde é a atual presidente – como um dos eixos do Plano Camponês que evidencia o protagonismo feminino no esforço pelo

**Realização:**



**Apoio:**



“desenvolvimento de novas relações sociais que superem o capitalismo e o patriarcado” (MPA Brasil, 2024).

A AMALX – Associação de Mulheres de Luta do Xavier – surgiu a partir de necessidades locais apoiadas nos princípios do MPA de “resgatar a identidade e a cultura camponesa” (MPA Brasil, 2024) e valorizar o protagonismo feminino no campo.

Trazer à tona essa discussão, em especial ao considerar as inquietações deste coletivo de mulheres, nos faz reafirmar a crença de que a luta no campo está para além do cultivo da terra. E como afirma Abramovay (2005).

Num país de tradição democrática recente e precária, a existência de organizações voltadas a representar os interesses de segmentos das populações cujos indivíduos vivem próximo à linha da pobreza e são excluídos das chances mais promissoras de inserção social, isso, por si só, já é notável.

Deste modo, este estudo tem o intuito de dar visibilidade à mobilização de mulheres que se somaram à luta pelo resgate da identidade camponesa, defendendo causas que contribuem para a sobrevivência e permanência de todos os membros da comunidade no campo.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa se insere numa abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas – realizadas presencialmente e via aplicativo de mensagens - e pesquisa *in loco* em reunião da AMALX, com a presença de vinte associadas, na Escola Municipal Álvares de Azevedo, localizada no povoado do Xavier, Distrito de José Gonçalves.

Tomamos como referência as contribuições teóricas de Morin (2005), sobre a apropriação de saberes sociais pelo conhecimento científico, Floriani (2000) para uma análise interdisciplinar do objeto numa dialética entre saberes e Minayo (1994) onde a pesquisa social considera “a provisoriade, o dinamismo e a especificidade” das questões sociais. A esse arcabouço incluem-se autores que fundamentam o associativismo, o protagonismo feminino nos movimentos sociais e a identidade camponesa como forma de resistência e sobrevivência.

Realização:



Apoio:



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2021 a escola municipal Álvares de Azevedo, que atendia à comunidade do Xavier, foi ameaçada de fechamento, sob a alegação da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista de que, para contenção de gastos, os alunos seriam transferidos para a sede do distrito. Diante desse desafio, Maria e outras mulheres – mães, avós e tias dos estudantes – mobilizaram-se contra esse fechamento, conseguindo, após manifestações públicas e reuniões, a garantia do poder público municipal de manter o funcionamento da unidade escolar.

Em seguida, apresentaram-se outras demandas: “Nós mulheres vimos a necessidade de nos reunirmos mensalmente, porque foram surgindo assuntos e necessidades coletivas que precisavam ser discutidas e encaminhadas para termos soluções” (Maria, 2024). Surge assim a AMALX, seguindo pautas que foram além da luta pela educação, como questões referentes à saúde dos membros da comunidade, equidade de gênero, preocupações com segurança e transporte no povoado, combate a todo tipo de preconceito e, sobretudo, empoderamento feminino.

Sendo de uma comunidade rural, detentora de uma tradição agrícola que mesmo enfraquecida ainda permanecia viva, as associadas somaram forças, tendo na agricultura, ainda que de pequena monta, o meio para alcançar seus objetivos. Focaram no incentivo à agricultura familiar, sobretudo para que fosse garantida a segurança alimentar, agricultura sustentável e permanência no campo.

Como muitas famílias vêm perdendo grande parte de suas terras (algumas não conseguem mantê-las e vendem aos fazendeiros da região, outras precisam dividi-las entre herdeiros), restando-lhes apenas poucos metros ao redor das casas, a alternativa considerada pela associação tem sido o trabalho com a “agricultura de quintal”. Nesses quintais produtivos são encontradas uma variedade de espécies, vegetais e animais, sobretudo nativas, com alto índice de produtividade e nenhum agrotóxico.

Segundo Carneiro et al (2013), graças à ampla variedade de produtos, os quintais tornam-se “despesas naturais” de onde se retiram as refeições diárias, além de promover a preservação da agro biodiversidade, contribuindo para o “equilíbrio do sistema agroecológico como um todo” (Carneiro et al, 2013, p.137).

Realização:



Apoio:



É válido acentuar que outra ação considerada de extrema importância para as associadas é a agenda de formação realizada nos encontros mensais. Além das discussões sobre os problemas e encaminhamentos para as possíveis soluções, estabeleceu-se tempo dedicado ao estudo de diversas temáticas consideradas fundamentais para a prática cotidiana: “A gente não pode ser igual lagartixa, balançando a cabeça para o que dizem pra gente. Precisamos entender as coisas, estudar, buscar formação”, disse Jaciária (2024), associada, irmã de Maria.

Conscientes de que é preciso apropriar-se dos mais diversos conhecimentos, desde o agronegócio às tragédias ambientais, passando pela saúde da mulher e das demandas locais da comunidade, os temas são apresentados por convidados que levam suas contribuições e abrem espaço para o diálogo. Conforme afirma a presidente da associação, “a consciência só se ganha no processo de aprendizado” (Maria, 2024).

## CONCLUSÕES

Dentre os elementos que emergem de nosso estudo, consideramos que mesmo se tratando de uma associação com apenas dois anos de existência, ainda com muitas fragilidades a serem solucionadas, a AMALX tem sido fundamental para a comunidade do povoado do Xavier e para as mulheres que fazem parte dela, visto que se tornou referência de coletividade e resistência.

Ao lançarmos um olhar mais atento, percebe-se que outro aspecto relevante a ser considerado é a preservação da identidade da comunidade a qual fazem parte. Deixar sua terra é muito mais do que perder a propriedade, é abrir mão de todas as relações sociais construídas ao longo do tempo.

Conforme afirma Aguiar (2007, p.81), “a única forma de transformar direitos em realidade é através da participação”, sendo ela em grupos, se faz mais efetiva contra a “desordem de um *status quo* injusto e que produz a marginalização”.

À vista disso e ao dialogarmos com as associadas da AMALX nos deparamos com relatos enfáticos de que ao somarem forças reafirmam seu compromisso de valorização do protagonismo da mulher agricultora, bem como das conquistas para a comunidade em seu entorno.

Realização:



Apoio:



## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. A agricultura familiar entre o setor e o território. Programa de pesquisa: **Movimentos sociais, governança ambiental e desenvolvimento territorial – RIMISP/IDRC**, 2005. Disponível em <https://ricardoabramovay.com/2005/10/agricultura-familiar-setor-territorio/>. Acessado em abril de 2024.

AGUIAR, A. M. O desafio do associativismo na agricultura familiar: o caso dos produtores rurais feirantes do município de Pato Branco. **Dissertação de Mestrado** em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR, 2007. Disponível em <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/235>. Acesso em fevereiro de 2024.

CARNEIRO, M. R. et al. **Quintais Produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do Assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE)**. Revista Brasileira de Agroecologia v. 8, n. 2, p. 135-147, 2013. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/rbagroecologia/article/view/49555>. Acesso em abril de 2024.

FLORIANI, D. **Diálogos interdisciplinares para uma agenda socioambiental: breve inventário do debate sobre ciência, sociedade e natureza**. Desenvolvimento e meio ambiente, Vol.1, 2000. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/3055>. Acessado em abril de 2024.

MINAYO, M (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOREIRA, A; SANTOS, A; LUCENA, E. **O associativismo no município de Riacho de Santana - BA: desafios e perspectivas para o crescimento**. Revista Brasileira de Educação do Campo, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/10418>. Acessado em maio de 2024.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MPA BRASIL. **Movimento dos Pequenos Agricultores**. Disponível em <https://mpabrasil.org.br/>. Acessado em abril de 2024.

Realização:



Apoio:

